

E A PALAVRA É RETEXTUALIZAR: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA-METODOLÓGICA PARA A TRANSFORMAÇÃO DO GÊNERO MULTIMODAL MÚSICA NA SALA DE AULA¹

Vanessa Borges – Universidade Federal de Viçosa

RESUMO:

A retextualização é um processo de transformação do texto de um gênero em outro ou no mesmo gênero. Essa prática tem sido um recurso utilizado como forma de ensino de produções de textos no contexto acadêmico de vários segmentos. Como suporte para isso, estudos teórico-metodológicos foram elaborados numa tentativa de auxiliar os professores nessa nova perspectiva para as aulas de redação. Entretanto, mesmo com o arcabouço teórico existente sobre a ressignificação de gêneros orais e escritos, uma abordagem que carece de pesquisa é a retextualização de gêneros multimodais. Sabe-se que a contemporaneidade é marcada pela recorrência desses gêneros, por isso, é relevante que haja estudos que auxiliem os professores a lidar com a transformação desses textos em suas aulas. Diante disso, o presente artigo tem por objetivo propor uma discussão sobre como o gênero multimodal música – letra e videoclipe – pode ser retextualizado em outro(s) gênero(s) – multimodais ou não. A música selecionada – juntamente com o videoclipe – foi *Diário de um detento* da banda *Racionais MCs*. A escolha dessa música se deve pelo fato de ela trazer diversas temáticas sociais relevantes e que haviam sido discutidas em outros momentos das aulas de produção textual. Como amparo teórico, foi utilizado a Linguística Aplicada, além dos Estudos de Gênero.

Palavras chaves: Gêneros Textuais; Multimodalidade; Retextualização; Linguagem; Sala de Aula.

1. Introdução

O ensino de gêneros textuais é uma realidade que vem ganhando espaço nas aulas de língua portuguesa e, especialmente, nas aulas de redação. Pelo fato de a comunicação ser indispensável aos indivíduos, e se dá de formas variadas, é relevante que os professores busquem trabalhar essa perspectiva, especialmente quando se trata de textos multimodais, realidade muito presente nos textos aos quais os alunos têm mais acesso, além de também estarem mais expostos.

Para Bahktin (1997), as manifestações linguísticas são variadas, pois estão associadas às diversas esferas de comunicação e atividade humana. Partindo disso, observa-se que “a linguagem é situada como o lugar de constituição das relações sociais” (BAKHTIN, 1997, p.45). Sendo assim, é muito importante que os gêneros ensinados em sala de aula sejam situados no tempo e espaço para que eles façam sentido para os aprendizes da língua.

Outra questão relevante é o ensino de gêneros pela perspectiva multimodal, uma vez que a multimodalidade é a combinação de diversos códigos semióticos, largamente presentes nos mais variados ambientes, especialmente, nos digitais, e por trazer “traços constitutivos dos

* XIV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online.

gêneros textuais” (DIONÍSIO & VASCONCELOS, 2013, p.22), oferece a oportunidade de os alunos a explorar o potencial de criatividade deles.

Nessa esteira, o aluno tem a oportunidade de revelar como ele compreendeu aquele gênero, ao fazer um trabalho de produção textual no gênero narrativo ou jornalístico que ele escolhe, mostrando suas percepções de acordo com o contexto cultural ao qual se encontra inserido. Segundo Moita Lopes (2010, p.18) é relevante “entender a linguagem como instrumento de construção de conhecimento e da vida social”, por isso, é muito importante que o aluno seja capaz de atribuir sentido ao gênero que ele está aprendendo.

Além disso, uma questão relevante a ser discutida quando se trata de ensino de produção de textos em sala de aula são as Políticas Linguísticas que tratam desse quesito. No Brasil, tem-se os Parâmetros Curriculares Nacional – PCNs – cuja finalidade é orientar educadores tanto das escolas públicas, quanto das escolas privadas no que diz respeito aos fatores fundamentais referentes a cada disciplina. Tem-se, também, a Base Nacional Curricular Comum – BNCC – que é “caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2017), sendo, pois, duas Políticas Linguísticas existentes no Brasil e que abordam, entre outras questões, o ensino de produção de textos em sala de aula no ensino médio.

Um fator de grande relevância, e que deve ser considerado, é a carência de pesquisas no que diz respeito à retextualização de textos multimodais. Ora, essa forma de texto é uma realidade que precisa ser considerada pelos estudiosos, uma vez que somos expostos a elas a todo momento, não sendo diferente com os nossos alunos. Segundo Marcuschi (2003), “atividades de retextualização são rotinas usuais altamente automatizadas, mas não mecânicas”, sendo, pois, necessária a produção de conhecimento na área que possam auxiliar os docentes nessa prática.

Nesse sentido, o presente artigo se mostra relevante, uma vez que busca trazer luz no que tange a questão do ensino de gêneros textuais em sala de aula e como é possível a retextualização de tais como uma forma de letramento, pois estes, como já dito, estão presentes em todas as partes. Ademais, essa pesquisa visa contribuir para melhorar – e quem sabe ajudar a modificar – as práticas de sala de aula no ensino de produção de texto.

Para o presente artigo, foi utilizado como embasamento teórico a perspectiva da Linguística Aplicada, no que diz respeito às Políticas Linguísticas – além da Linguística Aplicada Indisciplinar de Moita Lopes – assim como a teoria dos Estudos Discursivos de Gênero.

2. Referencial Teórico

O ensino de gêneros textuais nas salas de aula é uma realidade já há algum tempo, e que é incentivada por Políticas Linguísticas como a Base Nacional Curricular Comum, além dos Parâmetros Curriculares Nacional que acreditam ser o conceito de gêneros a forma mais apropriada para ensino de leitura e de produção de textos orais e escritos, visto que os gêneros cumprem função social específica, além se terem propósitos comunicativos muito bem delimitados. É importante destacar que, de acordo com Bakhtin (1997), os gêneros textuais são enunciados relativamente estáveis, porém é relevante que tenhamos em mente que, apesar de sua relativa estabilidade, eles também se mostram flexíveis e dinâmicos de acordo com a finalidade comunicativa dos falantes.

Em concordância com Bakhtin, Garcia (2015, p. 25) afirma que “a noção de gêneros, nas escolas, tem auxiliado na concepção de uma forte relação entre as práticas de linguagem,

que circulam em nossa sociedade e que estão sempre em processo de transformação, e o ensino de textos”. No entanto, o que ainda se vê em muitas escolas é que a realidade das aulas de produção de textos se encontra defasada, privilegiando, ainda, o ensino de gêneros que não estão de acordo com a realidade dos alunos, logo, a transmissão de conhecimento não se dá de forma efetiva, visto que não a construção de sentidos por parte dos alunos. É necessário pensar que o ensino de produção textual, para os alunos, precisa se dá em condições as quais os gêneros ensinados façam-nos criar sentidos e, assim, conseguirem aplicar o conhecimento nas suas práticas diárias. Segundo Bazerman e Miller,

em termos de ensino da escrita, procura-se levar os alunos a criar os sentidos que sejam expressar. Esses sentidos podem estar relacionados com o mundo ao seu redor, com a sociedade e com seus destinatários, mas também podem vir de dentro, o que a pessoa como sujeito individual deseja comunicar a outra pessoa. Então, isso sugere que vale a pena investigar quais são os processos psicológicos pelos quais o sentido é identificado, modelado, localizado e recebido pelas pessoas. (BAZERMAN e MILLER, 2011, p.29)

Nessa perspectiva, Bakhtin nos traz a teoria da enunciação, que é um processo dialógico que faz parte da atividade humana na esfera sócio-comunicativa, pois está vinculada à utilização da língua, efetuando-se na forma de enunciados concretos. Essa atividade ocorre devido à alternância de parceiros ao longo de uma conversação, visto que são necessários não apenas locutor, mas também ouvinte (que permanece numa posição ativa responsiva) para que os enunciados se concretizem, uma vez que este também se torna locutor pelo fato de que toda compreensão e “preenche de resposta” (BAKHTIN, 1997, p.271), ou seja, há o dialogismo entre o falante e quem recebe a mensagem, não tornando quem recebe a mensagem um mero receptor, visto que ele interage também a ouvir.

A partir disso, de acordo com a situação comunicativa dos falantes, nós moldamos o nosso discurso na forma de gêneros, pois, sem estes, a comunicação seria quase impossível. Com isso, a intenção discursiva do falante se constitui e se desenvolve em um determinado gênero, sendo, pois significativo que os alunos possam não somente dominar diversos gêneros textuais, mas também conseguir aplicá-los, uma vez que farão parte do contextos ao qual eles se encontram inseridos.

Ademais, os gêneros surgem de outros gêneros, seja por transformação, seja por deslocamento, numa combinação de estilos que atendem à cultura de uma determinada época e sociedade a qual se vive. Por isso, ao se ensinar gêneros, é muito importante que se leve em consideração o contexto em que o(s) indivíduo(s) está(ão) inserido(s). Nessa esteira, conforme o BNCC, “as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir” (BRASIL, 2017, p. 68). Sendo assim, é mister que o professor tenha a formação adequada para lidar com essas múltiplas realidades, e com isso perceber qual gênero é viável que se ensine naquela sala de aula, contribuindo para a construção de sentidos dos seus alunos e, conseqüentemente, para a formação cidadã deles.

Sendo assim, revela-se importante pensar no ensino de gêneros textuais em sala de aula, desde que façam parte do contexto cultural dos alunos para que eles sejam capazes de depreender sentido a partir disso e lidem para que com isso no seu cotidiano.

Outra noção de grande relevância para a atividade desenvolvida para este artigo é o de retextualização. É importante esclarecer que a definição aqui proposta toma como referência o

conceito de retextualização proposta por Marcuschi (2010), visto que ela pode ser adaptada aos propósitos da atividade realizada. Para o autor, a atividade de retextualização não é um processo simples, mas de alta complexidade, uma vez que está no plano da cognição.

Entretanto, mesmo sendo complexa, essa atividade se faz presente e nossas vidas de forma rotineira. A partir do momento em que se reproduz algo que um indivíduo falou outrora, já é possível considerar uma retextualização (MARCUSCHI, 2010). Segundo Marcuschi (2010), “a retextualização não é, no plano da cognição, uma atividade de transformar um suposto texto concreto e um suposto pensamento abstrato” (MARCUSCHI, 2010, p. 47-8). Por isso, é fundamental o papel do professor enquanto agente facilitador desse processo quando ocorre uma atividade de retextualização em sala de aula.

Além disso, conforme proposto por Garcia (2015),

a retextualização de gêneros textuais funciona como uma ferramenta importante para a produção de textos, uma vez que, durante a realização desta atividade, deverão ser trabalhados o conhecimento do gênero de fonte e de destino, a compreensão textual, bem como os critérios de textualidade. (GARCIA, 2015, p. 40).

Para a atividade proposta em sala de aula, foram trabalhados diversos gêneros textuais para que os alunos pudessem escolher o que melhor eles se identificassem e fizessem a retextualização da música. Sabe-se que em atividades assim, a tendência é que os alunos busquem os gêneros que fazem mais sentido para eles, além daqueles em que eles consigam moldar as ideias conforme elas surjam em relação à atividade, qualquer que seja.

Um outro aspecto relevante é pensar a retextualização dos textos multimodais. Para isso, Hoffmann propõe uma definição no campo da retextualização multimodal. Para a autora, é possível compreender

a retextualização como a transformação de uma (ou mais) oferta(s) informativa(s) base em um outro/novo texto multimodal (confluência de vários recursos semióticos), implicando, necessariamente, uma mudança de propósito e uma nova situação de interação, e tomando o cuidado em conservar o sentido das ideias do T(s)B [textos-base] (HOFFMANN, 2015, p.65)

Em contexto de sala de aula, um dos papéis do professor é subsidiar informações no que diz respeito à variedade de gêneros textuais e qual a função social de cada gênero ensinado e, principalmente, o propósito comunicativo deles para que o aluno, ao se deparar com um texto multimodal, ele consiga compreendê-lo e, assim, identificar o melhor gênero a ser utilizado no processo de retextualização, assim é preciso entender o conceito de multimodalidade e como ela se faz presente na nossa sociedade.

De acordo com Dionísio e Vasconcelos (2013), “o termo multimodal tem sido usado para nomear textos constituídos por combinações de recursos de escrita (fonte, tipografia), som (palavras faladas, músicas), imagens (desenhos, fotos reais), gestos, movimentos, expressões faciais etc”. Nesse contexto, percebe-se que os textos multimodais estão presentes em todas as esferas da sociedade, e na escola não poderia ser diferente.

Ademais, textos multimodais abarcam uma riqueza de recursos e, por isso, é preciso que não apenas se utilize em textos em sala de aula, mas que haja um letramento na leitura dessas formas de textos. Conforme Santos (2006),

a multimodalidade dos meios linguísticos, em que estamos mergulhados hoje, é assunto que não pode passar despercebido pela escola em qualquer nível de ensino. É impossível ler prestando atenção apenas na mensagem escrita, ela é apenas um elemento representacional que coexiste com uma série de outros (SANTOS, 2006, p. 59)

Além disso, as imagens têm exercido uma grande influência nas pessoas, uma vez que elas estão em toda parte, desde simples panfletos a publicidades e isso se reflete, também, nas salas de aula. De acordo com Daufemback (2008:25), “a linguagem visual é controlada pelo império global cultural/tecnológico da mídia de massa, o que torna a comunicação cada vez mais multimodal”. Nesse sentido, pode-se dizer que a compreensão do mundo tem sido feita por meio não apenas dos gêneros textuais, mas também por meio da multimodalidade de cada gênero existente e, conseqüentemente, de cada situação comunicativa.

Por isso, é importante os cursos de formação de professores se atentarem a essa realidade, para que haja uma preparação adequada às necessidades do profissional da educação, e, conseqüentemente, dos alunos também. As materializações textuais se modificam conforme as situações comunicativas e funções sociais – ambas estão atreladas aos contextos sócio-histórico cultural – e, nesse cenário, é preciso acompanhar essas realidades diversas para que formemos alunos ajustados à realidade.

3. METODOLOGIA

A música pode ser um recurso didático bastante útil quando se trata de ensino de produção textual. Por meio dela, é possível fazer abordagens acerca de diversas temáticas sociais presentes na nossa sociedade. Ademais, segundo Moreira, Santos & Coelho (2014), “a música quando bem trabalhada desenvolve o raciocínio, criatividade e outros dons e aptidões, por isso, deve-se aproveitar esta tão rica atividade educacional dentro das salas de aula” (MOREIRA, SANTOS & COELHO, 2014, p. 45).

Esta pesquisa se insere nos moldes qualitativos por se centrar na compreensão de uma realidade dinâmica das relações sociais, além de trabalhar com crenças, valores e atitudes de uma sociedade que se encontra inserida no universo tecnológico (GERHARDT & SILVEIRA, 2009). Ela foi realizada em uma escola da rede particular de ensino, na região da Zona da Mata Mineira. A atividade foi aplicada nas 1ª e 2ª séries do ensino médio, nas aulas de produção de texto, no período de agosto e novembro de 2018.

Ao longo do ano, em diversas situações, foi abordada a temática sistema carcerário, porém, apenas nos 3º e no 4º bimestres foram iniciadas as atividades com ênfase no projeto final de retextualização. Como forma de ampliar o conhecimento dos alunos, foram exibidos documentários sobre essa temática, além de aplicações de produções textuais para que eles discutissem pontos de vistas diferentes e relevantes e, a partir disso, pudessem entender melhor como funciona essa realidade brasileira.

Segundo Santos, “a produção textual relaciona-se a contextos situacionais específicos e pressupõe rotina particular que pode ser de natureza coletiva ou individual”. (SANTOS, 2006, p.35). Pelo fato de os alunos não terem informação suficiente sobre esse assunto, visto que não faz parte da realidade deles, é de suma importância que o professor ofereça subsídios para que eles consigam adquirir conhecimento e, a partir disso, ter bagagem cultural para a atividade de retextualização que seria desenvolvida mais adiante.

No terceiro bimestre, ao explicar sobre gêneros jornalísticos, foram levadas diversas notícias e reportagens sobre o tema para que os alunos pudessem visualizar como a mídia trata esse assunto. A partir disso, foram feitas discussões sobre as diversas realidades que os detentos vivenciam, tanto nos presídios femininos, quanto nos masculinos.

No quarto bimestre, foram explicados gêneros narrativos como crônica, conto, *fanfiction*, diário e *memes*, além do processo de retextualização. Foram levados vários exemplos de releituras de diversos gêneros para que eles compreendessem o que deveria ser feito, visto que se trata de um processo, cuja complexidade é alta (MARCUSCHI, 2001).

Depois de tudo isso, foi apresentado aos alunos o videoclipe da música *Diário de um detento* do grupo Racionais MCs – entende-se, neste caso, que o texto selecionado é multimodal, pois traz, em sua composição, a combinação de diversos códigos semióticos, característica predominante da multimodalidade. A retextualização ocorreu a partir do videoclipe. Pelo fato de eles terem estudado gêneros variados, foi dada a opção de eles escolherem o gênero que gostariam de utilizar para esse processo – inclusive, algum que não tivesse sido estudado ao longo do ano, mas que eles dominassem. Os alunos desenvolveram essa atividade em casa e apresentaram durante a aula para toda a turma.

A partir dessa atividade realizada, foi possível identificar a mudança de percepção dos alunos no que tange o sistema carcerário brasileiro e o racismo presente não apenas nesse ambiente, mas também e outros segmentos sociais. Além disso, os discentes tiveram a oportunidade de deixar aflorar não somente os gêneros que aprenderam em sala de aula, mas também aqueles que dominavam e que haviam aprendido em outras circunstâncias. Esse tipo de atividade é importante, para chamar a atenção do aluno para temáticas relevantes por meio da linguagem (e de um gênero textual e musical que eles gostam), além de dá liberdade de escolha do gênero que eles querem criar – e que têm mais afinidade.

4. Considerações finais

O objetivo central do presente artigo foi o de mostrar como é possível, em aulas de produção de texto, associar o ensino dos gêneros textuais à retextualização de um gênero multimodal em outro também multimodal como uma forma de letramento. A partir da música *Diário de um detento* do grupo Racionais MCs, os alunos conseguiram modificar a estrutura do gênero textual, sem haver prejuízo considerável do sentido da ideia original/essência apresentado no do texto-base, sendo este, pois, um dos grandes desafios da retextualização. É necessário destacar que, para o funcionamento do projeto em questão, o tema sistema carcerário foi abordado ao longo dos bimestres, em diversas situações, por se tratar de um tema em que os alunos têm pouco conhecimento de mundo, por não se tratar de uma realidade a qual eles estão acostumados.

É um grande desafio trabalhar esses letramentos em sala de aula, porém, mesmo as Políticas Linguísticas se mostrando insuficientes para auxiliar o docente nessa prática, é

possível fazer, baseando-se em teorias que tratam dos gêneros textuais, da retextualização e da multimodalidade.

Ademais, é extremamente importante que os cursos de formação de professores repensem os currículos que abordam as metodologias de ensino, para que, assim, as práticas dos docentes sejam mais eficazes. É de suma importância que isso ocorra especialmente nos cursos de graduação, uma vez que nem todos os docentes têm a oportunidade de terem uma formação continuada.

Outro aspecto relevante a ser considerado neste artigo é a reformulação das Políticas Linguísticas que auxiliem os docentes, dando um norteamento a eles, pois, muitas vezes o professor quer realizar projetos inovadores com os alunos, mas não encontra o suporte adequado. Sendo assim, pensar em como preencher essas lacunas dos cursos de formação é fundamental para que, no ensino de gêneros textuais, o aluno seja capaz de entender como eles funcionam e que é possível modificar sua estrutura em outras, mantendo o sentido e a essência, trabalhando, assim, elementos cruciais no ensino, desenvolvendo habilidades cognitivas cruciais para eles.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAZERMAN, C. MILLER, C. **Bate-papo acadêmico. Gêneros Textuais.** orgs. Angela Paiva Dionísio, Carolyn Miller, Charles Bazerman, Judith Hoffanagel. 1. ed. Recife: [s.n.], 2011.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum.** Ministério da Educação. 2017. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> > Acesso em 18 nov. 2019.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.** Ministério da Educação. 2002. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf> > Acesso em: 18 nov. 2019.

DAUFEMBACK, Adriana Alves. **O imperativo do corpo magro e identidades corporais adolescentes na revista Capricho: uma análise a partir da gramática visual.** 2008. Disponível em: http://aplicacoes.unisul.br/pergamum/pdf/94958_Adriana.pdf. Acesso em: 09 nov. 2019.

DIÁRIO de um detento. Racionais MCs. In: Sobrevivendo no inferno. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=er-bYI9-3hM> > Acesso em: 27 nov. 2019.

DIONÍSIO, A. P. VASCONCELOS, L. JANOT de. **Multimodalidade, gênero textual e leitura.** In: Múltiplas linguagens para o ensino médio. Clécio Bunzen, Márcia Mendonça, organizadores. –São Paulo: Parábola Editorial, 2013. 23 cm (Estratégias de Ensino).

GARCIA, R. **A retextualização como estratégia de produção textual manuscrito: de textos da mídia a contos policiais.** 2015.

GEHARDT, T. E. SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa** / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HOFFMAN, G. F. **Retextualização multimodal: o fazer tradutório do design educacional.** Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158434> > Acesso em 13 nov. 2019.

LOPES, Moita. **Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar.** Disponível em: <https://ufscdeutsch2010.files.wordpress.com/2010/10/nps156.pdf> Acesso em: 13 nov. 2019.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10. Es. – São Paulo: Cortez, 2010.

MOREIRA, A.C., SANTOS, H. COELHO, I. S. **A música na sala de aula - A música como recurso didático.** UNISANTA Humanitas –p. 41-61; Vol. 3 nº1, (2014). Disponível em: < <https://periodicos.unisanta.br/index.php/hum/article/view/273/0> > Acesso em: 13 ago. 2020.